

### AUTOAGRESSÃO AO ADOLESCER: UM RETRATO QUALITATIVO DA PESQUISA NACIONAL

**Fernando da Silva Mancebo<sup>1</sup>;**

Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/2550704421348102>

**Beatriz Araujo de Souza e Silva<sup>2</sup>.**

Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/5926620696390526>

**RESUMO:** A presente pesquisa aborda o fenômeno da autolesão na adolescência, investigando a compreensão de seus elementos motivadores e contextuais e da existência da correlação da prática com esse período da vida. Intenta-se com isso construir um entendimento acerca de como o recorte que delimitamos da literatura acadêmica brasileira retrata esta classe de comportamentos em adolescentes. Para alcançar esse objetivo, o estudo utiliza de uma revisão sistemática de literatura, selecionando artigos da plataforma SciELO que tratem diretamente da autolesão na adolescência. Após aplicar critérios de inclusão, sete artigos foram analisados qualitativamente, com foco em dois eixos principais: 1) motivação e percepção; e 2) contexto familiar e social. O estudo conclui que, como síntese das pesquisas relatadas, a autolesão em adolescentes está frequentemente relacionada à dificuldade de regulação emocional e à falta de estratégias de enfrentamento adaptativas, assim como à presença de vínculos familiares fragilizados. Além disso, fatores como a exposição midiática e à prática de autolesão por conhecidos, também exercem influência na aparição e perpetuação dos comportamentos. A compreensão desse fenômeno, portanto, exige uma abordagem multidimensional que considere tanto os aspectos individuais quanto os sociais que contribuem para sua emergência

**PALAVRAS-CHAVE:** Autolesão. Adolescência. Revisão Sistemática.

## SELF-AGRESSION AT JUVENESCENCE: A QUALITATIVE PORTRAIT OF NATIONAL RESEARCH

**ABSTRACT:** This research addresses the phenomenon of self-harm in adolescence, investigating the understanding of its motivating and contextual elements, as well as the correlation between the practice and this stage of life. The aim is to build an understanding of how the specific segment of Brazilian academic literature we selected portrays this class of behaviors in adolescents. To achieve this objective, the study employs a systematic literature review, selecting articles from the SciELO platform that directly address self-harm in adolescence. After applying inclusion criteria, seven articles were qualitatively analyzed, focusing on two main axes: 1) motivation and perception, and 2) family and social context. The study concludes that, as a synthesis of the reported research, self-harm in adolescents is frequently related to difficulties in emotional regulation and a lack of adaptive coping strategies, as well as weakened family bonds. Additionally, factors such as media exposure and the practice of self-harm by acquaintances also influence the emergence and perpetuation of these behaviors. The understanding of this phenomenon, therefore, requires a multidimensional approach that considers both individual and social aspects that contribute to its emergence.

**KEYWORDS:** Self-Harm. Adolescence. Systematic Review.

### INTRODUÇÃO

Recentemente, uma análise ecológica de dados nacionais sobre mortalidade, notificações e hospitalizações relacionadas ao fenômeno da autolesão identificou a faixa etária dos 10 aos 24 anos como o período de maior prevalência, e, portanto, de maior suscetibilidade, à prática da autolesão (Alves et al., 2024). Nesse sentido, é possível afirmar a adolescência como a fase da vida com maior risco de sofrer os danos gerados pela ocorrência desse fenômeno.

Ainda assim, a literatura acadêmica é inconclusiva quanto à “etiologia” desta classe de comportamentos, definida pela agressão intencional e voluntária do próprio corpo, não havendo propriamente uma explicação fechada que leve a um entendimento nítido e distinto do por que essas ações são realizadas.

De qualquer forma, fatores precedentes têm sido associados como contribuidores para a emergência da prática autolesiva. Dentre eles, podem ser citados: a desregulação emocional, presença de transtornos psiquiátricos, dificuldade em relacionamentos interpessoais, autodepreciação, falta de estratégias compensatórias adaptativas, abuso e negligência parental, etc (Giusti, 2013). No entanto, por mais que possam contribuir, nenhum destes podem ser tomados como causa, uma vez que podem ou não estar presentes em casos de autolesão, assim como podem estar presentes em casos nos quais não há de

modo algum a prática relatada.

Segundo Matthew Nock (2009), um dos psicólogos mais reconhecidos na área de pesquisa sobre autolesão, ao invés de pensarmos somente em fatores precedentes, podemos considerar também, de modo a entender o uso do comportamento autolesivo, quais funções esse fenômeno pode cumprir. Para isso, ele apresenta as hipóteses mais consideradas na literatura acadêmica para explicar a “opção” pelo comportamento autolesivo.

Em primeiro lugar, é explicitada a hipótese do aprendizado social, a qual diz respeito ao emprego da prática devido à exposição desse indivíduo à autolesão por meio da observação de conhecidos que se utilizam destes comportamentos, ou até mesmo, de elementos midiáticos, por exemplo em filmes e séries, que referenciaram essa prática.

Junto a ela, partindo para uma hipótese amplamente considerada na Psicologia está a hipótese de autopunição, a qual diz respeito à agressão ao corpo como forma de impor a si mesmo um castigo ou cumprir uma pena moral/ social. Nesse sentido, por exemplo, indivíduos podem se identificar com ações ou discursos violentos vindas de um outro, internalizando-os e se julgando a partir deles, utilizando a autolesão de modo a se punir segundo o parâmetro internalizado.

Ademais, a hipótese de sinalização social é apresentada, a qual explicita mais detalhadamente um possível motivo pelo o qual o sujeito recorre à autolesão, a estabelecendo como uma forma de demandar algo daquele ambiente. A autolesão é um processo prejudicial em termos da integridade física do sujeito, e portanto, um ato danoso e difícil. É esse caráter intenso e penoso do ato de lesar o próprio corpo que incitaria mais respostas significativas, quando comparado a atos mais leves, que não ameaçassem a integridade física do sujeito. A necessidade de optar por essa ação poderia indicar uma negligência sentida quanto a experiência do sofrimento daquele sujeito, assim como a falta de formas mais adaptativas de lidar com ele e sinalizá-lo. É nesse sentido que Nock atrela a comparação:

Como demonstrado em pesquisas sobre comunicação animal, comportamentos de sinalização que são custosos de executar são mais propensos a serem acreditados por outros animais, pois, caso contrário, produzi-los não compensaria (Hauser, 1996). Traduzindo esse princípio para os humanos, comportamentos de alta intensidade ou alto custo (por exemplo, gestos agressivos, autolesão não suicida) são mais propensos a provocar respostas desejadas dos outros do que comportamentos de baixa intensidade ou baixo custo (por exemplo, pedidos verbais) (Nock, 2009, p.4, tradução nossa).

Essa mesma hipótese, dessa forma, demonstra como a prática de autolesão pode ser influenciada pelo histórico de receptividade que o ambiente familiar apresenta diante

de certas demandas do sujeito. Nesse sentido, ambientes que invalidam suas questões ou apresentam certa hostilidade no manejo do sofrimento psíquico apresentado por este através da verbalização ou de outros comportamentos cotidianos, são elementos que podem propiciar a ocorrência da autolesão.

Ainda, relacionada com o aspecto social da hipótese de sinalização e do aprendizado social, a hipótese da identificação implícita remete ao quão intimamente os indivíduos passam a atrelar a prática de autolesão com uma forma efetiva de obter a resposta externa ou a função interna de regulação desejada.

Essa identificação pode promover a escolha desse comportamento em detrimento de outros comportamentos, mantendo-o assim. Por exemplo, quando quero regular minhas emoções (como diminuir a ansiedade), eu não fumo cigarros porque não sou fumante; em vez disso, eu vou correr porque me vejo como um corredor — talvez porque esse comportamento tenha me servido bem ao tentar regular minhas emoções no passado. Da mesma forma, algumas pessoas podem escolher a autolesão não suicida (NSSI) porque se identificam com esse comportamento (Nock, 2009, p.4, tradução nossa).

Por fim, uma hipótese funcional relevante e amplamente difundida inclusive por meio de relatos daqueles que praticam tais atos, explorada em outros artigos acadêmicos, é a da regulação emocional. Nesse sentido, a autolesão seria empregada para o alívio temporário de um sofrimento ou angústia psíquica por meio da infligência de dor física decorrente da lesão ao próprio corpo (Coutinho; Madureira, 2021). Esta hipótese estabeleceria, portanto, a prática autolesiva como uma estratégia de enfrentamento perante experiências mentalmente aversivas, mas, por si só, não explicaria o emprego desta em relação a outras estratégias possíveis.

Tais hipóteses não se excluem e, portanto, nos permitem visualizar o fenômeno da autolesão, junto ao arranjo biopsicossocial que permite a emergência deste, a partir de diferentes ângulos. Assim, com isso em mente, por meio deste levantamento textual, nos munimos de um referencial teórico o qual nos possibilitará explorar como o recorte literário de nossa pesquisa, a qual dedicamos a produção deste manuscrito, retrata a prática autolesiva na adolescência, refletindo, desse modo, acerca de como estas, conjuntamente, são abordadas no campo teórico nacional.

## OBJETIVO

No presente trabalho, buscamos dar enfoque ao fenômeno da autolesão no período da adolescência, entendendo-o como uma classe de comportamentos, que podem tanto somar ao sofrimento do sujeito quanto evidenciá-lo, de modo a entender como este é

retratado na literatura acadêmica brasileira. A relevância deste fenômeno se evidencia pelo fato de que tais comportamentos podem gerar danos permanentes ao corpo e, em casos graves, levar à hospitalização e até mesmo à morte. No Brasil, entre o período de 2011 e 2022, mais de 720 mil casos de autolesão foram notificados e, ainda, mais de 100 mil casos de hospitalização por danos gerados por essa prática foram registrados (Alves et al., 2024). Sendo assim, um grande mistério se estabelece: por que alguém escolheria intencionalmente e voluntariamente agredir o próprio corpo? E tal enigma ganha ainda mais intensidade pelo fato de que o fenômeno da autolesão não é caracterizado propriamente por um desejo de encerrar a própria vida:

Algumas perspectivas teóricas atribuem a autolesão apenas quando não há intenção de morrer (Nock, 2010), enquanto outras abordam esse fenômeno considerando ambas as possibilidades devido à dificuldade de distinguir a presença ou ausência de intenção suicida (Fox, Millner e Franklin, 2016 apud Santo, Bedin, Dell'Aglio, 2022, p. 2, tradução nossa).

Pois, enquanto pode haver um quadro de ideação suicida presente, as principais hipóteses que explicam tal prática não identificam esta como causa ou função que leve à emergência do fenômeno (Nock, 2009), uma vez que, se fosse o caso, a ação seria considerada, então, uma tentativa de suicídio e, não, uma autolesão propriamente dita.

Dessa forma, torna-se nítida a importância de estudos que abordem a complexidade deste tema e é diante do mistério estabelecido que nos propomos a conduzir uma revisão de como parte da literatura acadêmica brasileira contribui para a elucidação desta questão, abordando de forma qualitativa diferentes artigos que tenham como objeto central de estudo estes comportamentos e aqueles que o praticam no território nacional.

## **METODOLOGIA**

Para alcançar o objetivo proposto, a presente pesquisa fundamenta-se na metodologia da revisão sistemática de literatura, a qual define-se por sua natureza procedural, havendo a necessidade de uma estrutura nítida de definição da pesquisa – orientada por uma pergunta clara e bem definida – seguida do estabelecimento de uma estratégia de busca, incluindo-se nisso, a criação de critérios para inclusão ou exclusão da literatura correspondente à pesquisa (Sampaio; Mancini; 2007).

Para esse fim, optamos por utilizar a base de dados da plataforma online SciELO, elegida em razão do rigor científico dos materiais ali anexados e de seu recorrente uso no meio acadêmico enquanto fonte de pesquisa. Para o levantamento bibliográfico, foram utilizadas as palavras-chave: “autolesão” e “adolescência”. Além disso, foi selecionado o filtro que nos retornaria apenas obras publicadas em território nacional.

Feita tal busca, em agosto de 2024, foram encontrados um total de 9 artigos na plataforma correspondendo aos critérios estabelecidos. Assim, de modo a selecionar ainda mais adequadamente os artigos que entrariam na pesquisa a ser realizada, formulamos mais um critério: a produção deve ter como objetivo central avaliar e discutir o fenômeno em si da autolesão durante o período da adolescência. Nesse sentido, os artigos intitulados “Adaptação e Evidências de validade do deliberate self-harm inventory - Versão simpli” e “Prevention of non-suicidal self-injury: construction and validation of educational material” foram excluídos, uma vez que tratavam-se de análises da construção de ferramentas e de suas validades, pouco atendo-se ao que de fato viria a ser nosso enfoque: a centralidade no fenômeno da autolesão na adolescência. Assim, um total de 7 textos foram lidos e revisados a partir de uma abordagem qualitativa de modo a construir a pesquisa aqui exposta.

Tal revisão se deu a partir de dois eixos centrais: 1) motivação e percepção; e 2) contexto familiar e social. Tais eixos guiaram a revisão de modo a construir uma compreensão qualitativa de como o fenômeno da autolesão na adolescência é retratado na literatura acadêmica brasileira selecionada frente ao mistério já relatado da emergência deste fenômeno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Motivação e percepção

Partindo do referencial teórico estudado, fomos capazes de distinguir dois eixos os quais nos permitiriam analisar como o fenômeno da autolesão é retratado em nosso recorte de pesquisa. Dessa forma, neste primeiro tópico, buscaremos discutir como os artigos selecionados conceituam a motivação e percepção dos adolescentes que praticam tal ato em relação ao comportamento autolesivo, pensando, ainda, como essa representação é dada em comparação ao material já referenciado.

Foi observado que, na literatura selecionada na pesquisa, um fator precedente que surge explicando o porquê dos adolescentes recorrerem à autolesão é a dificuldade presente em lidar com conflitos emocionais e tensões que vão além do limiar que o psiquismo daquele sujeito consegue elaborar. Esse limiar é subjetivo e parece ter diversas influências, não sendo exclusivamente inato ao sujeito. Fatores como o acolhimento familiar, a coesão social e o uso de substâncias psicoativas contribuiriam, portanto, para essa construção do que é suportável e insuportável para determinada pessoa.

Nesse sentido, todos os artigos mencionaram uma dificuldade presente em lidar com as emoções negativas e angústias. E, assim, não conseguindo um alívio psíquico destas tensões por meio de uma resolução mental tornar-se-ia necessária uma via de liberação por meio do corpo. Os adolescentes utilizariam, portanto, a autolesão como uma estratégia mal adaptativa para lidar com a angústia e o sofrimento. A dor física do corte era percebida como uma forma de paralisar temporariamente o sofrimento psíquico e a ansiedade, impedindo a

reflexão e a elaboração simbólica dos conflitos internos (Saggese et al., 2023).

Desse modo, todos os artigos reconheceram a hipótese de que o estímulo sensorial provocado pela lesão ao próprio corpo aliviaria momentaneamente a experiência de sentimentos negativos e grande parte dos adolescentes entrevistados nas pesquisas apontavam tal fato como um dos fatores mais relevantes para a recorrência da prática.

Ademais, outros estudos, apontados em Selbach; Marin (2021, p. 2, tradução nossa), indicavam a hipótese da sinalização social como uma motivação também predominante e, muitas vezes, até mesmo consciente, da utilização do ato:

O comportamento de autolesão pode ser entendido como uma forma de indicar conflitos ou dificuldades (Jorge et al., 2015), estando relacionado ao 'controle de impulsos e tomada de decisões, bem como à elaboração de estratégias para lidar com situações de estresse e resolver problemas' (Arcoverde e Soares, 2012, p. 295).

Tal sinalização poderia ser entendida em conjunto com a realidade apresentada anteriormente, uma vez que uma dificuldade da articulação linguística e do reconhecimento e manejo dos conflitos emocionais e tensões experienciadas poderia tornar aparentemente necessária, na experiência subjetiva do adolescente, a escolha por um comportamento de alto custo com o fim de transmitir adequadamente o sofrimento vivenciado e um chamado por ajuda.

Adicionalmente, um fato importante a ser discutido é a porcentagem reduzida de histórico de autolesão em adultos, quando comparado à adolescentes:

Aproximadamente 1 a 4% dos adultos e 13 a 23% dos adolescentes relatam um histórico de autolesão não suicida (NSSI) em algum momento de suas vidas (Jacobson & Gould, 2007). As taxas mais altas entre os adolescentes sugerem que ou a taxa de NSSI está aumentando, ou que existem vieses de relato entre os adultos que os levam a negar seu histórico de NSSI, ou ambos. (Nock, 2009, p.1, tradução nossa).

Atualmente, o campo midiático tem abordado com mais frequência temáticas de saúde mental e cenas claras de atos autolesivos. Isso pode, por um lado, ter contribuído para maiores discussões sobre a temática e início de sua desconstrução enquanto tabu, fato que proporcionaria uma diferença no número de relatos, já que assim adolescentes seriam mais suscetíveis a relatar casos de autolesão, quando questionados.

Por outro lado, a exposição midiática desse fenômeno pode também sustentar tanto a

hipótese do aprendizado social, o que levaria mais pessoas a enxergar a prática como uma estratégia de enfrentamento possível, quanto a hipótese de identificação implícita, realidade que pode ser danosa para o sujeito ao vincular a prática a seu modo de viver no mundo. Isso porque, passando a associar fortemente a ideia de si com a prática da autolesão, enquanto algo identitário, fortalecido e reforçado pela identificação com personagens e narrativas que apresentam a autolesão como uma saída utilizada por outros para lidar com o sofrimento psíquico, tal realidade pode fazer com que essa prática seja banalizada, não contribuindo com uma reflexão pertinente dos danos e não representando propriamente um alívio de conflitos e tensões psíquicas, conforme citado anteriormente enquanto motivação recorrente em pesquisas como a de Costa et al. (2021) e Gabriel et al (2020).

Tais fatores podem ainda ser fortemente relacionados ao período da adolescência, uma vez que esta se caracterize pela exploração e formação da identidade. Pois, dessa forma, é possível supor que os sujeitos neste período estarão em geral mais suscetíveis à influências de exposição midiática ou social, como no âmbito das redes, na medida em que as narrativas apresentadas e internalizadas podem ser assimiladas como parte da construção de si ainda em formulação, o que contribuiria com uma explanação, por meio dessas hipóteses, acerca da incidência do fenômeno nesse momento do sujeito situado historicamente.

### **Contexto familiar e social**

Como citado anteriormente, o contexto familiar exerce forte influência na prática de autolesão, seja enquanto propiciador, isto é, ocupando um lugar na cadeia causal anterior à aparição do ato, seja atuando como reforçador para a continuidade do comportamento. Desse modo, é impossível produzir uma reflexão adequada sobre o fenômeno da autolesão dissociando o sujeito de seu núcleo familiar no período da adolescência.

Nesse sentido, em consonância com a hipótese de sinalização social proposta por Nock (2009), os estudos pesquisados indicam que o histórico de receptividade familiar às demandas do sujeito pode favorecer contextos de autolesão. Exemplo disso pode ser visto em famílias que possuem dificuldades de comunicação, ou que, diante da escuta de queixas e discursos mais aprofundados acerca da dificuldade do adolescente em lidar com alguma situação, respondem com negligência ou hostilidade. É dito:

A funcionalidade familiar também parece ter um impacto significativo no desempenho de comportamentos autolesivos. De acordo com Walrath (2017), uma série de características familiares pode estar positivamente relacionada ao envolvimento do adolescente em comportamentos de risco, como críticas parentais elevadas, falta de apoio dos pais e ambientes familiares não solidários. (Santo, Bedin, Dell'Aglio, 2022, p. 2, tradução nossa).

Nesse contexto, é possível refletir se, justamente por ser predominante uma visão da adolescência enquanto um período de transição entre adulto e criança, mantendo tal caráter de entre-lugar, onde o sujeito não está integralmente sob a tutela dos pais nem totalmente independente dela, é comum que as problemáticas apresentadas durante essa fase não sejam vistas com tanto peso e seriedade quanto como são apresentadas por quem as vivencia. Se tal período não é enxergado como “vida real”, tampouco as questões que surgem nele poderiam ser dotadas de tal realidade. Tal dinâmica poderia, dessa forma, contribuir para que a autolesão tenha mais adesão entre adolescentes, que, não escutados em seu discurso, buscam se fazer ouvidos exibindo seu sofrimento psíquico na materialidade do seu corpo.

Somado a isso, tensões familiares não são apenas causas diretas do comportamento autolesivo em adolescentes, mas representam uma importante variável no reforço desse comportamento, quando apresentado. Em Costa et al. (2021) e Menezes; Faro (2023), participantes relataram que, no momento em que os familiares tiveram ciência de tal prática, expressaram respostas de negligência e agressão, causando sentimentos de culpa e desamparo. Tais sentimentos, se negativos por si e, portanto, já somando à dificuldade de regulação emocional relatada, poderiam ainda ir de encontro à hipótese da autopunição, uma vez que o julgamento de si, promovido pela internalização de um discurso externo crítico, tornaria o próprio sujeito um ambiente propício à emergência da recorrência da autolesão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente, assim, que a autolesão não deve ser vista como um fenômeno isolado, mas contemplado em sua complexidade, sofrendo influência de inúmeros fatores, tanto para sua emergência quanto para sua manutenção, dentre eles a dificuldade de regulação emocional, a falta de estratégias de enfrentamento adaptativas e a presença de vínculos familiares fragilizados.

Além disso é percebido a influência do meio social, assim como do retrato midiático e, portanto, narrativo da autolesão. Dessa forma, algumas das seguintes estratégias podem reduzir o comportamento autolesivo: assegurar e ampliar a rede de apoio, promover maior acolhimento familiar e social, considerar as particularidades de cada sujeito, assim como incentivar o acompanhamento terapêutico para fortalecer e criar novas estratégias de enfrentamento das tensões.

Junto a isso, Menezes e Faro (2023) também sugerem o acompanhamento terapêutico dos familiares desses sujeitos, tendo em vista que todos os artigos relacionam a continuidade da prática autolesiva com as ações e reações dos familiares após a tomada de conhecimento da condição, o que aponta para uma necessidade de elaboração emocional dos pais em um espaço propício para que seus afetos sejam melhores direcionados e preparados para o acolhimento e compreensão do sujeito adolescente.

Ademais, em Gabriel et al. (2020) é demonstrado relatos de profissionais que expressam desconforto e despreparo acerca do manejo de adolescentes que apresentam a prática autolesiva, evidenciando a necessidade de maior discussão acadêmica sobre o tema, assim como uma inserção desta na formação de profissionais da área da saúde, ou seja, não apenas de psicólogos, mas de todos os profissionais envolvidos no cuidado à vida.

Acreditamos que há espaço ainda para um maior aprofundamento acerca de fatores precedentes como a investigação de alterações em funções executivas, como do controle inibitório e da hiperreatividade, apresentadas em Santo; Bedin; Dell’Aglío (2022) e Selbach; Marin (2021). Assim como, da diferença entre a apresentação de comportamentos externalizantes e internalizantes que podem, ainda, ser analisados de modo a explicar a diferença marcante entre a prevalência dos comportamentos relatados no gênero feminino e no gênero masculino. Além disso, cabe ainda uma investigação maior acerca de em que medida as redes sociais, enquanto um modelo contemporâneo de exposição social e midiática, desempenham um papel motivador e funcional na emergência do fenômeno da autolesão.

Por fim, concluímos que a compreensão teórica deste fenômeno exige uma abordagem multidimensional que considere tanto os aspectos individuais quanto os sociais que contribuem para sua emergência no sujeito. É visível como o retrato que abordamos da pesquisa nacional demonstra que estamos seguindo no caminho certo para a produção de um entendimento profundo e fundamentado do fenômeno, mas que, no entanto, ainda há muito a se investigar, inclusive, para a conclusão acerca dos atravessamentos que tornam a adolescência o período com maior incidência desta prática.

Dessa forma, é imprescindível que os estudos acerca do adolescer continuem a ser construídos e que novas pesquisas que o relacionem com o fenômeno da autolesão sejam formuladas. Só assim seremos capazes de mitigar os danos gerados por essa prática que, como foi demonstrado, se apresenta como um problema de saúde pública em nosso país.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. J. O. et al. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. **Lancet Reg Health Am**, 15 fev. 2024. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(24\)00018-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(24)00018-8/fulltext). Acesso em: 23 ago 2024.

COSTA, L. C. R. et al. NON-SUICIDAL SELF-INJURY EXPERIENCES FOR ADOLESCENTS WHO SELF-INJURED - CONTRIBUTIONS OF WINNICOTT’S PSYCHOANALYTIC THEORY. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 30, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/6FzqDvHVRMC5QW6qKtZVqt/?lang=en>. Acesso em: 6 ago 2024.

COUTINHO, Luciana; MADUREIRA, Bruna. Os Cortes na Adolescência e a Busca por

um Lugar na Cidade. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 1, p. e109167, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/hnQ6XxnbgfBH5qdbBcd4nnz/#>>. Acesso em: 23 ago 2024.

GABRIEL, I. M. et al.. Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4, p. e20200050, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/QyNHwtKW6hx3Xq9gTKgYKnh/?lang=pt#>. Acesso em: 7 ago 2024.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: Características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. São Paulo (SP): Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/en.php>. Acesso em: 7 ago 2024.

MALTONI, J. et al.. Depressive symptoms and alcohol and marijuana use among adolescents. **Psico-USF**, v. 28, n. 3, p. 449–459, jul. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/YzDcLFNndRZPYD8s5ThMcNG/?lang=en>. Acesso em: 7 ago 2024.

MENEZES, M. S.; FARO, A.. Avaliação da Relação entre Eventos Traumáticos Infantis e Comportamentos Autolesivos em Adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e247126, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hXCbQdHhr97z5SNnKj9XL8f/?lang=pt>. Acesso em: 6 ago 2024.

NOCK, M. K. Why Do People Hurt Themselves?: New Insights Into the Nature and Functions of Self-Injury. **Curr Dir Psychol Sci**. v.18. 1 abril 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2744421/>. Acesso em: 11 ago 2024.

SAGGESE, E. et al.. Comportamentos autoagressivos e sofrimento psíquico: retratos da adolescência contemporânea. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 26, p. e220634, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Y6mKFB9MkzDkqmv6wb6pRYn/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago 2024.

SAMPAIO, R.; MANCINI, M.. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, n. 1, p. 83–89, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/#>. Acesso em: 7 ago 2024.

SANTO, M. A. DA S.; BEDIN, L. M.; DELL'AGLIO, D. D.. Self-injurious behavior and factors related to suicidal intent among adolescents: a documentary study. **Psico-USF**, v. 27, n. 2, p. 357–368, abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/VRvgFmWBKtdCg7jXrHwtrJD/?lang=en>. Acesso em: 7 ago 2024.

SELBACH, L.; MARIN, A. H.. Self-harming adolescents: how do they perceive and explain this behavior?. **Psico-USF**, v. 26, n. 4, p. 719–732, out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/M954vqNgD5jHMC944Rdr5Jb/?lang=en>. Acesso em: 7 ago 2024.